

O “LOUVA-A-DEUS-DE-COBRA”, *PHIBALOSOMA* SP. (INSECTA, PHASMIDA), SEGUNDO A PERCEPÇÃO DOS MORADORES DE PEDRA BRANCA, SANTA TEREZINHA, BAHIA, BRASIL

ERALDO M. COSTA NETO^{1,2}, ANA PAULA A. LAGO¹, CAMILA DA CRUZ MARTINS¹
& PAULO BARRETO JÚNIOR¹

¹Departamento de Ciências Biológicas – Universidade Estadual de Feira de Santana. Km 03, BR 116, CEP 44031-460, Feira de Santana, Bahia, Brasil.

²Autor para correspondência (eraldont@uefs.br)

(O “louva-a-deus-de-cobra”, *Phibalosoma* sp. (Insecta, Phasmida), segundo a percepção dos moradores de Pedra Branca, Santa Terezinha, Bahia, Brasil) – Este artigo discute como os habitantes do povoado de Pedra Branca, localizado no estado da Bahia, nordeste do Brasil, percebem e se relacionam com os bichos-pau (Insecta, Phasmida). Parte dos dados foi obtida em um dia de trabalho de campo realizado em maio de 2004 através de entrevistas semi-estruturadas com 12 crianças e adolescentes, cujas idades variaram dos 5 aos 17 anos. A estes dados foram acrescentados aqueles obtidos de fevereiro a maio de 2001 por meio de entrevistas semi-estruturadas realizadas com 25 homens e 26 mulheres, cuja faixa etária variou de 24 a 82 anos. Os resultados mostram que os indivíduos costumam reunir insetos de três táxons diferentes (Phasmida, Mantodea e Tettigoniidae) sob o rótulo “louva-a-deus-de-cobra”. Os entrevistados forneceram informações sobre etnotaxonomia, comportamento, ontogenia, morfologia, habitat e ecologia trófica do bicho-pau. O conhecimento local mais marcante relacionado com esses insetos se refere a sua biotransformação ou processo metamórfico, onde se acredita que eles se originam de plantas e depois “se transformam” em cobras conhecidas localmente como “cobra-de-cipó”. Conclui-se que a metamorfose do bicho-pau resulta importante no modo como os indivíduos compreendem e se relacionam com esse inseto.

Palavras-chave: Etnoentomologia, etnotaxonomia, Phasmida, bicho-pau.

(The “snake-mantis”, *Phibalosoma* sp. (Insecta, Phasmida), as perceived by the inhabitants from Pedra Branca, Santa Terezinha, Bahia, Brazil) – This paper discusses the way the dwellers from the town of Pedra Branca, located in the state of Bahia, northeastern Brazil, perceive and relate with the stick insects (Insect, Phasmida). Part of the data was obtained in one day in May 2004 by performing open-ended interviews with 12 children and adolescents, whose ages ranged from 5 to 17 years old. Additional data was obtained from February to May 2001 by performing open-ended interviews with 25 men and 26 women, whose ages ranged from 24 to 82 years old. Results show that people usually gather insects from three different taxa (Phasmida, Mantodea, and Tettigoniidae) under the label “snake-mantis”. Interviewees have provided information related to the ethnotaxonomy, behavior, ontogeny, morphology, habitat, and food ecology of the stick insects. The most commented and widespread knowledge regarding these insects refers to their biotransformation or metamorphic process, where it is believed they originate from plants, and then change themselves into snakes locally known as “cobra-de-cipó”. The metamorphosis of the snake-mantis has significance in the way people understand and relate with it.

Key words: Ethnoentomology, ethnotaxonomy, Phasmida, stick insect.

INTRODUÇÃO

A ordem Phasmida (Phasmatodea, Phasmatoptera ou Phasmodea) reúne insetos que se destacam pela grande semelhança morfológica do corpo com gravetos, galhos, folhas e mesmo liquens. Já foram registradas mais de 2.500 espécies (FARIA *et al.*, 2004), das quais cerca de 800 vivem na região Neotropical (BUZZI & MIYAZAKI, 1993). Eles são conhecidos como bichos-pau, mas há várias outras denominações: treme-treme, taquarinha, taquara-seca, bicho-folha, bicho-palha, cipó-seco, chico-magro, mané-magro, Manuel-magro, Maria-seca (BUZZI, 1994; LENKO & PAPAVERO, 1996). Os quatro últimos nomes, porém, referem-se mais a insetos da família Proscopiidae (Orthoptera, Acridoidea), que também imitam galhos secos. No início do século XVII, Marcgrave desenhou espécimes de bichos-pau da região Nordeste do Brasil, registrando os nomes comuns à época: **arumatiá** (*Acanthoderus* sp.) e **iaçoca** (*Prisopus* sp.) (ALMEIDA & CARVALHO, 2002).

Os bichos-pau apresentam as seguintes características morfológicas: corpo alongado, sub-cilíndrico, liso ou com expansões; pernas ambulatórias, geralmente longas, finas, às vezes com espinhos ou expansões; cabeça pequena, livre, com olhos bem desenvolvidos (dois ou três ocelos quando presentes); antenas filiformes; asas atrofiadas, ausentes ou presentes e bem desenvolvidas; protórax pequeno, enquanto metatórax e mesotórax são grandes; abdome formado por 19 urômeros (COSTA LIMA, 1938; SANTOS, 1982; LARA, 1992; BUZZI & MIYAZAKI, 1993). Os maiores espécimes atingem até 33 cm de comprimento (p. ex., *Phobaeticus kirbyi* Brunner & Redtenbacher, 1907) e os menores, cerca de um centímetro de comprimento (*Abrosoma* spp.).

Os fâsmidos apresentam mimetismo bastante acentuado. Tal mimetismo é conhecido como homotipismo, que é a capacidade de parecer-se com algo não-comestível. Mesmo os ovos desses insetos assemelham-se a sementes de certas plantas. Outros insetos também adotaram o hábito

homotípico, como os membracídeos que se parecem com espinhos e que descansam no lugar onde os espinhos verdadeiros deveriam existir (BERENBAUM, 1995). Outras estratégias de defesa também são observadas entre os fâsmidos. Por exemplo, quando perturbados, eles balançam o corpo ritmicamente como se fossem galhos ao vento (FARIA *et al.*, 2004), ou então se mantêm imóveis por horas (SANTOS, 1982). Algumas espécies liberam substâncias de odor desagradável. *Paradoxomorpha crassa* (Blanchard, 1852), comum na Argentina e no Chile, secreta um borrifo que chega a queimar a pele humana. A substância, que contém éter etil ou ácido ortofórmico, é produzida por um par de glândulas torácicas e emitida através de uma abertura atrás da cabeça (HOGUE, 1993).

Esses insetos se reproduzem sexuadamente, mas pode ocorrer telitoquia, isto é, partenogênese com produção exclusiva de fêmeas nas espécies cujos machos são raros. O número de ovos de cada postura e o tempo de incubação variam conforme a espécie (SANTOS, 1982). O desenvolvimento é gradual e relativamente longo por paurometabolia, processo no qual a forma jovem, denominada de ninfa, assemelha-se à forma adulta, mas apresenta o aparelho reprodutor imaturo e asas vestigiais (BORROR & DELONG, 1988; LARA, 1992).

Embora sejam insetos de hábito críptico, muitas vezes passando despercebidos pela população, os bichos-pau apresentam uma relativa importância cultural. Os Kiriwina da Papua Nova Guiné consomem algumas espécies, como *Eurycantha horrida* Boisduval, 1835 (MEYER-ROCHOW, 1975). Na Nicarágua, acredita-se que se um indivíduo for “picado” ficará fraco e morrerá seco (MOYA, 2004). Em Barbados, eles são chamados de cavalos-de-deus. Quando visto próximo de uma casa significa que ali vai ocorrer uma morte. O inseto deve ser mantido fora da casa a qualquer custo, uma vez que se acredita que ele tem a propensão de rastejar para dentro do ouvido das pessoas (FORDE, 1988). Os Hñähñu, do México, chamam-nos de **ra fani ra zithu** e dizem que são venenosos; o nome em espanhol, cavalo-do-diabo, deve-se ao fato de que crêem que o diabo anda montado no inseto, razão pela qual não se deve mexer com ele ou seu dono se vingaria (MAYA, 2000). A expressão cavalo-do-diabo, entre esses índios, é usada de maneira depreciativa para se referir ao indivíduo que tem a má fama de ter comportamentos negativos. No idioma dos índios Jibaro-Aguaruna, os Phasmida também estão associados com o demônio: **iguanchi tunkuiji**, que significa palito-do-demônio segundo GUALLART (1968).

Apesar dessas crenças, muitos indivíduos na Europa e nos Estados Unidos criam bichos-pau como animais de estimação. Há, inclusive, endereços na Internet que comercializam esses insetos e os enviam pelo correio, com informações sobre cuidados e alimentação (KNEIDEL, 2000). Eles também estão presentes na literatura, como o livro infantil “O dilema do bicho-pau” de MACHADO (1997), e no cinema, como no longa-metragem de animação “Vida de Inseto”.

Considerando-se que o modo como os indivíduos percebem, identificam, categorizam e classificam o mundo natural influencia no modo como eles pensam, agem e expressam emoções com relação aos animais (COSTA NETO, 2004a), o presente artigo discute a percepção e as atitudes que os moradores do povoado de Pedra Branca têm sobre os bichos-pau.

MATERIAL E MÉTODOS

O povoado de Pedra Branca está localizado no Médio Paraguaçu, região centro-oeste do estado da Bahia, zona fisiográfica de Feira de Santana, a uma latitude Sul de 12°44'30" e longitude Oeste de 39°34'50". O povoado está a uma distância de cerca de 13 Km do município de Santa Terezinha, ao qual pertence (CEI, 1994).

Os dados foram obtidos em dois momentos qualitativamente distintos. Parte foi obtida no dia 15 de maio de 2004, quando três estudantes da disciplina Etnobiologia realizaram entrevistas semi-estruturadas com 12 crianças e adolescentes, com idades que variaram de 05 a 17 anos. A esses dados foram somados aqueles obtidos entre fevereiro e maio de 2001, período no qual o primeiro autor realizou entrevistas abertas (conversações livres) e semi-estruturadas (baseadas em uma lista de tópicos previamente escolhidos) com 25 homens e 26 mulheres, cujas idades variaram de 24 a 82 anos (COSTA NETO, 2003). A abordagem a moradores de faixas etárias diferentes permitiu registrar a transgeracionalidade dos conhecimentos etnoentomológicos.

Anteriormente à atividade de campo, os estudantes receberam treinamento teórico-metodológico em sala de aula como parte das atividades previstas para o semestre 2003.2. Eles se identificavam como universitários e pediam permissão para realizar a entrevista, que cobria diversos aspectos da biologia e ecologia do animal. Utilizou-se a técnica do teste projetivo antes de serem iniciadas as entrevistas para não induzir as respostas dos informantes e para que eles não falassem sobre outro inseto que não o bicho-pau. Tal técnica consistiu na apresentação de fotografias de exemplares da própria região (COSTA NETO, 2003) e de um desenho esquemático do inseto, perguntando-se simplesmente “O que é isso?”

Cadernos de desenho e lápis-de-cor foram distribuídos, solicitando-se aos 12 entrevistados que desenhassem bichos-pau para observar como esses insetos são percebidos e representados por eles. Apenas um entrevistado se recusou a desenhar. Todo material etnográfico (entrevistas, desenhos e fotografias) encontra-se mantido no Laboratório de Etnobiologia da Universidade Estadual de Feira de Santana.

Os dados foram analisados qualitativamente, segundo o modelo de união das diversas competências individuais (HAYS, 1976 *apud* MARQUES, 1991). Através desse modelo, toda informação pertinente ao assunto pesquisado é considerada.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante a realização do teste projetivo, foi constatado que a maioria dos entrevistados conhecia o bicho-pau, mas o denominava de "louva-a-deus-de-cobra". Outras formas de denominação incluem os seguintes vocábulos: louva-a-deus, louva-a-deus-preto, louva-a-deus-virado-de-mato, bicho-que-vira-cobra e bicho-do-camará. Há ainda o termo garrancho (COSTA NETO, 2004a).

No sistema de classificação entomológico dos moradores de Pedra Branca, o conjunto de insetos percebidos, identificados e classificados sob o rótulo lingüístico de "louva-a-deus-de-cobra" (e seus sinônimos) constitui o que se pode denominar de complexo etnotaxonômico, uma vez que podem ser usados indistintamente para identificar espécimes de mantódeos, tettigoniídeos e fâsmidos (COSTA NETO, 2004a). BERLIN (1992) explica a inclusão de organismos distintos em uma mesma categoria etnotaxonômica pela saliência fenotípica (características morfológicas totais) observada neles. Em Pedra Branca, a distinção entre mantódeos e fâsmidos pode ser observada no seguinte depoimento: *Louva-a-deus-de-cobra é um louva-a-deus que se transforma em cobra. O outro é verde, pequenininho. O primeiro é virado do camará. Um vira de cipó e um outro não vira, mas é todo compridinho também* (Dona V., 54 anos).

A análise da representação da morfologia externa do louva-a-deus-de-cobra a partir dos desenhos elaborados pelas crianças e adolescentes revela diferentes maneiras de perceber o inseto: às vezes, mais finos ou mais grossos; com asas ou sem asas; com mais de três pares de pernas (Fig. 1). Quanto à descrição da aparência do inseto, os indivíduos enfatizaram a similaridade do inseto com partes de plantas, como se observa nos trechos abaixo:

O louva-a-deus é da cor de um cipó, do jeito de um pauzinho (Dona L., + 80 anos).

Ele é assim como uma cor de uma madeira, com aquelas perna assim como um graveto, todo comprido (L., 26 anos).

Ele tem a cabeça seca e a bundinha gorda, cheio de perna (Dona M., 55 anos).

Tal descrição assemelha-se àquela realizada por naturalistas do século XVII, como Zacharias Wagner (*apud* TEIXEIRA, 1997: 146), que assim descreveu o inseto denominado como boa-mesa: "Trata-se de uma estranha criatura parecida com um rebento ou com um pedaço de graveto quebrado. A princípio é verde como capim, depois fica amarelo-escuro. Quando se quer agarrá-lo, dá um salto para longe".

COSTA NETO (2004b), utilizando um desenho esquemático extraído de REVEL (1990), registrou a maneira como os indivíduos denominam as partes externas (Fig. 2). Por exemplo, antenas são chamadas de *chifres* ou *chifrinhos*. As duas primeiras pernas geralmente são chamadas

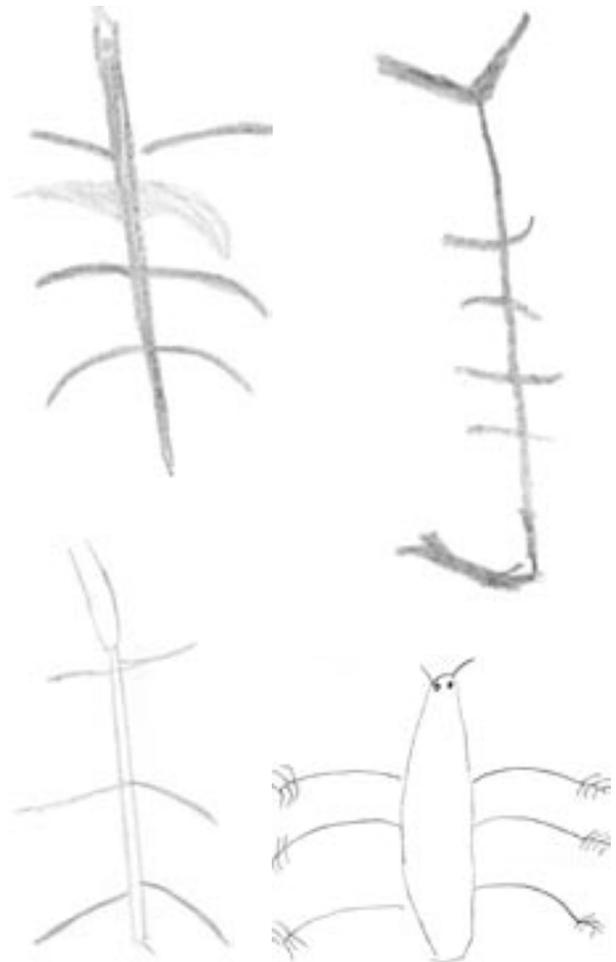


Fig. 1. Representações do louva-a-deus-de-cobra (Phasmida) por crianças e adolescentes do povoado de Pedra Branca, Santa Terezinha, Bahia.

de *braços* ou *patinhas*, sendo que a porção final do primeiro par de pernas pode ser chamada de *mão*; as demais pernas são rotuladas de *pés* ou *patas*. O abdome é denominado de *barriga* e a porção final de *cabo* ou *ferrão*.

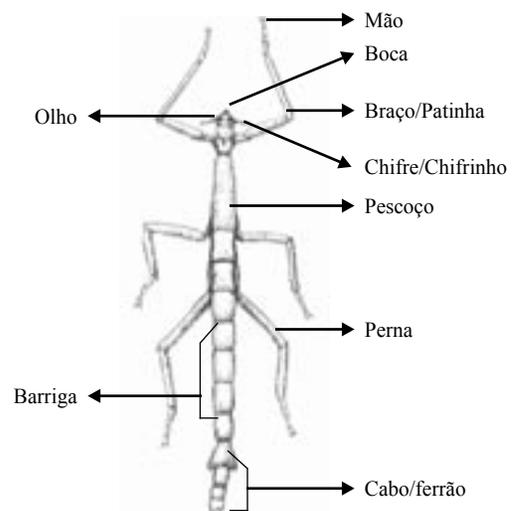


Fig. 2. Topografia corporal do louva-a-deus-de-cobra (Phasmida), de acordo com os termos apontados por cinco informantes. Desenho extraído de REVEL (1990).

O reconhecimento nominativo das partes corpóreas externas (e, às vezes, internas) de animais e plantas é importante na identificação e categorização desses organismos dentro de categorias superordenadas e infraordenadas (BERLIN, 1992). Por outro lado, a extensão da capacidade de observação dos indivíduos depende da ênfase cultural ou importância prática dada a um determinado organismo (POSEY, 1986; NOLAN & ROBBINS, 1999).

Todos os entrevistados, com exceção de apenas um (M., 9 anos), disseram não existir diferenças entre os sexos. A literatura registra que os fâsmidos apresentam dimorfismo sexual acentuado, sendo as fêmeas muito maiores que os machos (FARIA *et al.*, 2004). A presença de asas também distingue os sexos: quando numa espécie um dos sexos é áptero e o outro alado, este é sempre o macho (COSTA LIMA, 1938).

O modo como os moradores de Pedra Branca consideram o surgimento dos insetos tem importância na maneira como eles percebem e classificam esses organismos (COSTA NETO, 2004a). Considerando-se a origem e o desenvolvimento dos fâsmidos, está bastante arraigada na cultura local a crença de que os bichos-pau se originam do camará (*Lantana* sp., Verbenaceae) e que, por “encantamento”, transformam-se posteriormente em outro “inseto”, a cobra-de-cipó (*Phylodrias* spp., Colubridae):

Já vi virá de camará. Já tem muito tempo. Eu era muito garotinha. Minha mãe mostrou à gente [...]. Ele ficou um pedaço era madeira mesmo do camará e outro pedaço já tinha as pernas, já tinha o olho, já tinha a carinha e já tava se bulindo e tava terminando de tirar do meio pra baixo. E o povo diz que vira cobra-de-cipó. Se é eu não sei [...] (Dona M., 80 anos).

A história que eu sei do louva-a-deus é que ele vira outro inseto com o nome de cobra-de-cipó. Ela fica da cor do mato. É gerado do camará. Cai as pernas e vira a cobra-de-cipó. É uma cobra besta (Seu Z., 50 anos).

Do galhinho da madeira (camará). Aí vai formando os pezinho. Lá vai. Aí eu vi ele. Já estava quase todo formado. Já tava cheio de perninha. Aí eu peguei, larguei lá. Já tava quase todo feito. Do galho da madeira. Agora é uma coisa invocada. Como é que uma madeira vai transformando em bicho, né? Não tem a cobra-de-cipó? Eu acho que é transformada disso aí ó. E a cobra-de-cipó, até as serrazinha das costas tem (Seu A., 60 anos).

Observa-se, aqui, duas mudanças de categoria: uma vegetal, na qual do camará surge um inseto, e uma zoológica, na qual do inseto se origina um réptil. A etnoespécie de bicho-pau envolvida nesse exemplo de biotransformação provavelmente corresponde a um representante do gênero *Phibalosoma* (Phibalosomatidae) por seu tamanho conspicuo, pois as fêmeas atingem mais de 20 cm de comprimento (HOGUE, 1993). O fato de ser comprido e ter uma cor semelhante à cobra faz do louva-a-deus-de-cobra um candidato perfeito para sustentar a crença nessa transfor-

mação biológica. Além disso, há o fato de tanto um quanto outro mimetizarem com o substrato no qual vivem e sofrem mudas: o camará.

De acordo com o nível de observação, interesse e contato com o mundo natural, culturas diferentes irão perceber as origens e mudanças morfológicas dos insetos de maneira igualmente díspares. Os San do Kalahari, por exemplo, crêem que a cigarra *Munza laticlavata* (Thorell, 1892) se transforma no besouro *Sternocera orrisa* Buquet, 1837 durante a estação chuvosa; depois, este besouro se transforma no grilo *Gryllus bimaculatus* (de Geer, 1773) (NONAKA, 1996). Em Pacatuba, interior do Ceará, os habitantes crêem que insetos da família Proscopiidae (Ordem Orthoptera) se originam dos ramos do cafeeiro ou da árvore-sabiá (TORRES 2000). Determinadas sociedades indígenas acreditam que as cobras nascem de louva-a-deus (BECKER, 1980). Os Andoke sabem que as larvas dos besouros sofrem uma metamorfose, que é vista como expressão de um poder mágico de transformação desses insetos (JARA, 1996).

Em Pedra Branca, acreditar no poder biotransformador dos fâsmidos implica um tipo de comportamento nada benéfico para esses insetos, visto que as pessoas frequentemente reagem negativamente à presença do animal. Uma vez que o inseto “se encanta” em um tipo de cobra, os indivíduos apresentam, por associação, o mesmo pavor que sentem pelos ofídios. Assim, os comportamentos socialmente construídos com relação ao louva-a-deus-de-cobra colocam-no como um organismo que deve ser exterminado ou temido sempre que encontrado porque se acredita que sua “mordida” pode trazer conseqüências funestas. Por extensão, louva-a-deus verdadeiros (Mantodea) também são mortos pela população. As percepções e atitudes dos moradores em relação a esses insetos são registradas nos seguintes depoimentos:

A gente mata porque tem medo de entrar em casa e virar cobra (R., 11 anos).

Aquilo é venenoso também (Dona E., 66 anos).

É um bicho danado. É uma mordida desgraçada (Dona S., + 80 anos).

O louva-a-deus-de-cobra é um bicho nojento (Dona L., + 80 anos).

A aversão geral ao inseto pode ter uma origem histórica. No texto descritivo sobre a espécie *Cladomorphus phillinus* Gray, 1835, Marcgrave (século XVII) confundiu o ovipositor da fêmea com um agulhão e anunciou que o inseto era capaz de picar (ALMEIDA & CARVALHO, 2002).

No que se refere ao comportamento alimentar dos bichos-pau, a maioria dos entrevistados afirmou não saber nada a respeito; apenas um entrevistado citou o gavião como predador do inseto:

Eu não sei se esse negócio se alimenta, se sunga alguma coisa (Dona M., + de 80 anos).

Eu acho que come folhas (M., 9 anos).

O gavião costuma matar ele pra se alimentar (Seu M., 68 anos).

Sabe-se que fâsmidos são insetos fitófagos, alimentando-se de folhas e brotos. Embora possuam hábito herbívoro, não há relatos de bichos-pau pragas no Brasil, mas na Austrália *Podacanthus wilkinsoni* Macleay, 1881, *Didymuria violescens* (Leach, 1814) e *Ctenomorphodes tessulatus* (Gray, 1835) são responsáveis por extensas desfoliações em eucaliptos (BUZZI & MIYAZAKI, 1993).

CONCLUSÃO

Embora seja um animal críptico, de difícil observação, o louva-a-deus-de-cobra se revela como um dos insetos que têm uma importância cultural significativa para os moradores de Pedra Branca e região. Mesmo que essa importância não seja de uma perspectiva utilitária, uma vez que o inseto não é usado como recurso alimentar nem me-

dicinal, ele é "bom para pensar" no sentido levistraussiano (LÉVI-STRAUSS, 1989).

Com relação à série de transformações pensadas para o inseto, desde sua geração a partir de galhos e ramos até seu encantamento em uma cobra, é importante ressaltar que em estudos de classificação etnozoológica tais transformações resultam significativas na formação e estruturação das categorias etnobiológicas. Os estudos em etnotaxonomia devem considerar esses conhecimentos.

O conjunto complexo de sentimentos, pensamentos e comportamentos direcionados aos insetos do complexo etnotaxonômico "louva-a-deus-de-cobra" e demais artrópodes da região da Serra da Jibóia traduz-se em um recurso valioso que deve ser considerado em estudos de inventário da fauna local.

AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem a participação de todos os moradores entrevistados, sem os quais este trabalho não teria sido possível.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, A.V.DE & P.F.F.DE CARVALHO. 2002. *Os insetos de Marcgrave (1610-c. 1644)*. Recife: UFRPE.
- BECKER, C.J. 1980. Lendas e curiosidades sobre os insetos. IV – O louva-a-deus. *Natureza em Revista* 7: 16-22.
- BERENBAUM, M.R. 1995. *Bugs in the system: insects and their impact on human affairs*. Massachusetts: Perseus Books.
- BERLIN, B. 1992. *Ethnobiological classification: principles of categorization of plants and animals in traditional societies*. Princeton: Princeton University Press.
- BORROR, P.I. & D.M. DELONG. 1988. *Introdução ao estudo dos insetos*. São Paulo: editora Edgard Blüchen.
- BUZZI, Z.J. 1994. *Coletânea de nomes populares de insetos do Brasil*. Curitiba: J.Z. Buzzi.
- BUZZI, Z.J. & R.D. MIYAZAKI. 1993. *Entomologia didática*. Curitiba: Ed. da UFPR.
- CENTRO DE ESTATÍSTICA E INFORMAÇÕES. 1994. *Informações básicas dos municípios baianos*: recôncavo sul. Salvador: Governo do Estado da Bahia.
- COSTA LIMA, A.M.DA. 1938. *Insetos do Brasil*. V. 1. Rio de Janeiro: Escola Nacional de Agronomia. p. 189-204.
- COSTA NETO, E.M. 2003. *Etnoentomologia no povoado de Pedra Branca, município de Santa Terezinha, Bahia. Um estudo de caso das interações seres humanos/insetos*. Tese de Doutorado. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.
- COSTA NETO, E.M. Biotransformações de insetos no povoado de Pedra Branca, estado da Bahia, Brasil. *Interciência*, 29(5): 280-283, 2004a.
- COSTA NETO, E.M. 2004b. *Os insetos pelos moradores da Serra da Jibóia, Bahia*. Feira de Santana: UEFS.
- FARIA, F.S., A.F. KUMAGAI & N.G. FONSECA. 2004. Estudo da biologia do bicho-pau (*Phibalosoma* sp., Phasmatidae) em laboratório. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ZOOLOGIA, 25., 2004, Brasília. *Resumos...* Brasília: SBZ, 2004. p. 181.
- FORDE, G.A. 1988. *Folk beliefs of Barbados*. Barbados: The National Cultural Foundation.
- GUALLART, J.M. 1968. Nomenclatura Jibaro-Aguaruna de la fauna Del Alto Marañon (invertebrados). *Biota* 7(56): 195-209.
- HOGUE, C.L. 1993. *Latin American and entomology*. Berkeley, University of California Press.
- JARA, F. 1996. La miel y el aguijón. Taxonomía zoológica y etnobiología como elementos en la definición de las nociones de género entre los Andoke (Amazonia colombiana). *Journal de la Société des Américanistes* 82: 209-258.
- KNEIDEL, S. 2000. *Stinkbugs, stick insects, and stag beetles*. And 18 more of the strangest insects on Earth. Nova York: John Wiley & Sons.
- LARA, F.M. 1992. *Princípios de entomologia*. São Paulo: Ícone.
- LENKO, K. & N. PAPAVERO. 1996. *Insetos no Folclore*. São Paulo, Plêiade/FAPESP.
- LÉVI-STRAUSS, C. 1989. *O pensamento selvagem*. Campinas: Papirus.
- MACHADO, A. 1997. *O dilema do bicho-pau*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- MARQUES, J.G.W. 1991. *Aspectos ecológicos na etnoictiologia dos pescadores do Complexo Estuarino-lagunar Mundaú-Manguaba*. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas. 292p.
- MAYA, E.M.A. 2000. *Estudio etnoentomológico de la comunidad Hñahñu, El Dexti - San Juanico, Ixmiquilpan, Hidalgo*. Iztacala: UNAM.
- MEYER-ROCHOW, V.B. 1975. Local taxonomy and terminology for some terrestrial arthropods in five different ethnic groups of Papua New Guinea and Central Australia. *Journal of the Royal Society of Western Australia* 58(1): 15-30.
- MOYA, M.A. 2004. Mitos y creencias. Disponível em <<http://entomologia.net/mitos.htm>> Acesso em 02 ago 2004.
- NOLAN, J.M. & M.C. ROBBINS. 1999. Emotional meaning and the cognitive organization of ethnozoological domains. In: ANNUAL CONGRESS OF THE SOCIETY OF ETHNOBIOLOGY, 22., 1999, Oaxaca. *Resumos...* Oaxaca: Jardim Botânico de Santo Domingo. p. 20.
- NONAKA, K. 1996. Ethnoentomology of the Central Kalahari San. *African Study Monographs (Suppl.)* 22: 29-46.
- POSEY, D.A. 1986. Etnoentomologia de tribos indígenas da Amazônia. In: D. RIBEIRO (ed.). *Suma etnológica brasileira. Etnobiologia*. Petrópolis: Vozes/Finep. p. 251-271.
- REVEL, N. 1990. *Fleurs de paroles: histoire naturelle Palawan I: lens dans de Nagsalad*. Paris: Editions Peeters.
- SANTOS, E. 1982. *Os insetos*. Belo Horizonte: Itatiaia.

TEIXEIRA, D.M. 1997. *Brasil holandês: o “Thierbuch” e a “Autobiografie”* de Zacharias Wagner. V. 2. Rio de Janeiro e Lisboa: Editora Index.

TORRES, G.R. 2000. Ethnzoology and sustainable development in the en-

vironmental protection area (EPA) of the Aratanha Mountains in Pacatuba, Ceará - Brasil. *In: INTERNATIONAL CONGRESS AND EXHIBITION ON ECOTOURISM, 2.*, Rio de Janeiro. *Abstract...* Rio de Janeiro: Biosfera, 2000. p. 175-176.